

Prática Científica nas Pesquisas em Estratégia nos Programas Stricto Senu em Administração no Brasil, sob a Ótica de Bourdieu

ADRIANA DE SOUSA LIMA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)
adrianaunioeste@gmail.com

SILVANA ANITA WALTER

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)
silvanaanita.walter@gmail.com

REGINA COELI MACHADO E SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)
coeli.machado@yahoo.com.br

Introdução

O contexto da pesquisa científica pode ser considerado como campo científico, um espaço social formado por relações de força entre agentes que acumulam capital científico. O funcionamento desse campo produz e supõe uma forma específica de interesses, contaminado pelo conhecimento da posição ocupada nas hierarquias instituídas do campo e que influenciam diretamente as escolhas das práticas científicas.

Problema de Pesquisa e Objetivo

O processo de constituição do campo científico, com todos os elementos que o compõem não é explicitamente analisado nas pesquisas em estratégia no Brasil. O fato é que os estudos são centrados na produção acadêmica, ou seja, são focados em “o que” se produz e não em “quem” as produz. Para responder a esta problemática, definiu-se como objetivo compreender a prática científica nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos stricto sensu em administração no Brasil.

Fundamentação Teórica

As abordagens teórico-empírica consideradas neste estudo foram a teoria sociológica de Bourdieu: a teoria do campo científico; a teoria de habitus; os capitais de Bourdieu: capital econômico; capital cultural; capital social; capital simbólico e as duas espécies de capital do campo científico; a produção e reprodução do conhecimento na perspectiva de Bourdieu; stricto sensu no Brasil; construção histórica e teórica do corpo de conhecimento em estratégia e o posicionamento dos agentes nas escolhas metodológicas das pesquisas em estratégia.

Metodologia

Sem a pretensão de cristalizar o objeto de investigação num sistema classificatório, esta pesquisa manteve um permanente controle operacional das atividades de coleta de dados com a dupla função de limitar o campo de investigação e de possibilitar compreender seu funcionamento.

A estratégia da pesquisa combinou aspectos da praxiologia proposta por Bourdieu e a técnica de estudo de caso coletivo e envolveu análises estatísticas com um conjunto de entrevistas em profundidade.

Análise dos Resultados

Os principais achados demonstram que as práticas científicas funcionam como uma reação mecânica, diretamente determinada pelas condições que a antecedem, ajustadas às exigências inscritas nas estruturas do campo. Identificou-se, na pesquisa analisada, quanto às abordagens epistemológicas revisadas, a predominância de estudos que buscam construir relações objetivas em que o agente social aparece como mero executante de algo que se encontra objetivamente programado, que lhe é exterior e a hegemonia de pesquisas quantitativas.

Conclusão

Percebeu-se que a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia repousa sobre o reconhecimento de uma competência que, para além dos efeitos que ela produz, proporciona autoridade e contribui para definir não somente as regras do jogo, mas também sua regularidade.

Para superar essas forças conservadoras será preciso abandonar as teorias que tornam explícita ou implicitamente a prática como uma reação mecânica, explorar novos caminhos e lançar pontes entre os domínios de conhecimento, ultrapassar as fronteiras institucionais estabelecidas e criar condições para inovar.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996. 231 p.
- _____. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.
- GOMEZ, M. L. A bourdieusian perspective on strategizing. In: GOLSORKHI, D; ROULEAU, L; SEIDL, D; VAARA, E. (eds.) The Cambridge Handbook on Strategy as Practice. Cambridge University Press: Cambridge, pp.63-78, 2010.

Prática Científica nas Pesquisas em Estratégia nos Programas *Stricto Sensu* em Administração no Brasil, sob a Ótica de Bourdieu

1 INTRODUÇÃO

O contexto da pesquisa científica em Estratégia pode ser considerado como campo científico, um espaço social formado por relações de força entre agentes que acumulam capital científico (autoridade científica), capacidade técnica e poder social, de falar e de agir legitimamente, mediados por “regras do jogo”, *habitus* que são constituídos pelos grupos – de um lado, os dominantes, que estabelecem as estratégias de conservação, e de outro, os dominados, que desenvolvem estratégias de subversão e sucessão (BOURDIEU, 1983).

Para Bourdieu, domínios sociais específicos como a economia, a religião, a justiça, a arte, a ciências e outros são denominados campos, conceito que permite compreender tanto a relativa autonomia quanto as relações entre esses diferentes domínios. Assim, o campo científico tem um modo de funcionamento próprio, podendo se subdividir em subcampos como o campo da Administração, da Sociologia ou qualquer outra disciplina, configurando-se como práticas científicas específicas dentro do campo científico mais amplo. Assim, podemos falar em campo científico da Estratégia, que ocupa um espaço social constituído por universidades, revistas especializadas, instituições de pesquisas, associações profissionais de regulamentação e outras instituições que estruturam a prática e saberes desse campo, composto por relações de forças entre os agentes e por regras de funcionamento.

As bases de transformações desse campo científico podem ser vistas nas estratégias de conservação ou de subversão produzidas no interior da estrutura do campo (BOURDIEU, 1983). Tais transformações afetam o campo científico da estratégia em todas as direções e interferem na evolução da estrutura de dominação desse campo, a posição dos agentes específicos e na mudança em seu *habitus*, expressando as lutas que caracterizam a estratégia e o papel dos agentes (GOMEZ, 2010).

O campo científico, assim como outros campos sociais, sofre influências, sejam elas externas (políticas), ou internas (ligadas à luta no campo). Com isso as aspirações científicas dos agentes não estão dotadas de neutralidade, mas envolvem uma série de interesses (ORTIZ, 1983) que influenciam diretamente as escolhas das práticas científicas. A prática, por sua vez, é definida por Bourdieu (1983) como produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*, como matriz de percepção, de apreciação e de ação que se realiza em determinadas condições sociais.

A escolha dessa prática científica pode estar relacionada às instituições, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que direciona as regras do sistema de avaliação dos programas *stricto sensu* (GUIMARÃES; DINIZ, 2014), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que atua como órgão de fomento, e a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), que desenvolve um trabalho de interação entre os programas de pós-graduação em administração, promove e apoia encontros anuais, de natureza acadêmica, de socialização do conhecimento da área de administração. Também se destaca nesse cenário, o papel das editoras de revistas científicas, encarregados de fazer circular a informação científica.

As propriedades mais gerais do campo permitem ter uma noção das relações de força que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas nas estruturas sociais, entendendo que os agentes não são partículas passivamente conduzidas pela força dos campos, mas fazem suas escolhas e têm disposições adquiridas que podem levá-los a resistir e a opor-se às forças do campo (BOURDIEU, 2004).

Não obstante as propriedades mais gerais do campo possibilitem aos agentes da pesquisa em estratégia ter uma noção das relações de força mencionadas, o processo de constituição do campo científico, com os elementos que o compõem não são explicitamente analisados. O fato é que estudos sobre as pesquisas em estratégia no Brasil (BERTERO; VASCONCELOS; BINDER, 2003; BIGNETTI; PAIVA, 2005; ROCZANSKI *et al*, 2010) são centrados na produção acadêmica, ou seja, “o que” é produzido, e não “quem” produz, sendo negligenciado as relações e as estratégias que se constituem nesse espaço e o sistema de transformação ou conservação da ordem vigente que garante a regularidade dos diferentes grupos aí envolvidos (BOURDIEU, 1983).

A partir da lacuna apresentada, levantou-se a seguinte pergunta de pesquisa: Como ocorre a prática científica nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *stricto sensu* em administração no Brasil, sob a ótica de Bourdieu?

Para responder a esta pergunta, definiu-se como objetivo geral compreender a prática científica nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *stricto sensu* em administração no Brasil. Especificamente investigar as características incorporadas pelos agentes que visam orientar a prática das pesquisas em estratégia (*habitus*), evidenciar as posições dos agentes nos espaços acadêmicos (capital científico) e interpretar a estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia (categorias temáticas, abordagens epistemológicas e metodológicas predominantes nas pesquisas).

Para a realização da pesquisa, optou-se pela abordagem construtivista de Bourdieu, haja vista que poderia contribuir para elucidação de alguns conceitos que abarcam o campo científico, o espaço social em que expressiva parcela da pesquisa em estratégia é desenvolvida: as Universidades. Além disso, a perspectiva teórica e metodológica de Bourdieu, ou seja, a maneira de perceber o universo social do autor pode contribuir para a elucidação das questões que direcionam esse estudo, para a compreensão do campo científico como um espaço social, bem como as relações entre os agentes que agem e lutam dentro do campo de interesse.

Expõe-se o estudo realizado no presente artigo que está estruturado em mais quatro sessões, além da introdução. Na próxima sessão, apresenta-se uma breve contextualização das abordagens teóricas consideradas neste estudo; na terceira, apresentam-se o delineamento metodológico; na quarta, os resultados obtidos por meio da pesquisa realizada; e, na quinta, as considerações finais.

2 A TEORIA SOCIOLÓGICA DE BOURDIEU

Para Bourdieu (1983) a sociologia da ciência reside num estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico. O autor considera o campo científico como um espaço social, com relações de força e monopólios, lutas e estratégias, permeado por interesses e lucros, ficando, porém, todas essas variáveis revestidas de formas específicas em sua explicitação (BOURDIEU, 1983).

Esses espaços sociais possuem estruturas com diferenças que não podem ser compreendidas verdadeiramente a não ser construindo o princípio gerador que funda essas diferenças, qual seja, o princípio da estrutura da distribuição das formas de poder ou dos tipos de capital no universo considerado e que variam de acordo com os lugares e os momentos (BOURDIEU, 1983). Nesse contexto, o *habitus*, conceito-chave para pensar a relação que envolve o indivíduo e a sociedade, como esquema de percepção, apropriação e ação, é experimentado e posto em prática em função de estímulos advindos das conjunturas de um campo, constituído socialmente (SETTON, 2002).

No intuito de desvelar as práticas científicas inscritas nos corpos dos agentes e na estrutura de suas relações, Bourdieu (2004) apresenta um modelo de análise que funciona como uma arquitetura imanente do mundo social e que entende as práticas humanas como

sustentadas por sistemas de elementos universais. Para o autor, a análise das estruturas é feita a partir da prática (THIRY-CHERQUES, 2006). Bourdieu (1983) busca entender o objeto como um todo e a ele integrar a reflexão sobre a atitude dos agentes e dos pesquisadores.

Com essa análise Bourdieu (2004) reforça sua teoria do campo científico como um campo de forças e de lutas pela conservação ou transformação do espaço científico que só existe pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram. Nessas condições, uma reflexão prática sobre a dinâmica do campo emerge: o que comanda os pontos de vista, o que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos, os objetos de interesse, etc. Para Bourdieu (2004) as estruturas das relações objetivas entre os diferentes agentes determinam o que os agentes podem e não podem fazer, ou seja, é a posição que cada um ocupa nessa estrutura que determina suas tomadas de posição. A Figura 1 ilustra a lógica do campo científico.



Figura 1 – Lógica do campo científico

Fonte: elaborado pelas autoras com base em Bourdieu (1983)

O próprio campo determina a cada agente (segundo sua posição na estrutura do campo e outras variáveis como a trajetória social) suas estratégias, seja pela manutenção da ordem vigente, seja pela derrubada da ordem científica estabelecida. Nesta lógica, os novatos que refutam a ordem estabelecida, só poderão vencer os dominados se empenharem um suplemento de investimentos científicos sem esperar lucros importantes, ao menos em curto prazo, pois tem contra si todo o sistema (BOURDIEU, 1983).

2.1 Construção Histórica e Teórica do Corpo de Conhecimento em Estratégia

No campo inicial da estratégia, entre os pesquisadores que investigaram o papel da gestão e as possibilidades de escolhas estratégicas, se destacam os trabalhos de Barnard

(1939), Taylor (1947), Simon (1947) e Selznick (1957) que deram importante contribuição ligando o estudo das organizações às ideias econômicas (FURRER; THOMAS; GOUSSEVSKAIA, 2008). De acordo com Hoskisson et al. (1999) o modelo econômico da organização industrial pode ter sido uma das contribuições mais significativas para o desenvolvimento da gestão estratégica.

Corroborando esse resgate histórico do corpo de conhecimento em estratégia, Hoskisson et al. (1999), destaca que contribuições significativas para o campo da gestão estratégica foram feitas por pesquisadores, à época, tratada como política de negócios. Entre as obras mais importantes, estão Estratégia e Estrutura, de Chandler (1962); Estratégia Corporativa, de Ansoff (1965); e Políticas de Negócios: textos e casos, de Learned et al. (1965-1969). As três obras seminais fornecem a base para o campo da gestão estratégica (HOSKISSON, et al. 1999). Com esses autores as pesquisas partem de uma abordagem determinística para uma perspectiva mais contingente segundo a qual as organizações precisam se adaptar ao ambiente externo. Tais estudos, por darem ênfase à prescrição normativa, não serem analíticos e, em sua grande maioria, estarem baseados em estudos de caso em profundidade de empresas individuais não podiam ser generalizáveis (FURRER; THOMAS; GOUSSEVSKAIA, 2008).

Durante a década de 1970, inicia-se uma transição nas escolhas de pesquisa, havendo uma dicotomia entre dois conjuntos: abordagem de processos, que consistia em estudos de caso, basicamente e descritivo; e, abordagem estrutural, em que o uso de estatísticas dedutivas também era testada.

Posteriormente, na década de 1980, mais uma vez, muda a direção, passando o foco para a estrutura interna, para os recursos da empresa e sua capacidade. Com essa mudança duas correntes de pesquisa em economia atraindo a atenção de pesquisadores em gestão estratégica: economia dos custos de transação e teoria da agência (FURRER; THOMAS; GOUSSEVSKAIA, 2008).

Já década de 1990, com a visão baseada em recursos, abordagens mais qualitativas passam a ser utilizadas (HOSKISSON et al. 1999). É possível observar que as perspectivas teóricas foram mudando de teorias econômicas para abordagens multidisciplinares (LU, 2003).

Whittington (2002), apresenta em seu livro quatro perspectivas sobre estratégia. São elas: (a) abordagem clássica (1960) – que tem como principais autores Chandler, Andrews, Ansoff e Porter, com foco na maximização do lucro, na visão prescritiva e no planejamento racional da estratégia e cujo nível de análise concentrava-se na organização e em seu ambiente; (b) abordagem evolucionária (1970) – teorizada por Hannan, Freeman, Williamson e Aldrich, com vistas à sobrevivência da organização; o planejamento das estratégias são emergentes, de maneira fatalista e faz uma analogia à lei da selva, vence quem melhor se adaptar ao ambiente; (c) abordagem processualista (1960-1970) – com Mintzberg, Quinn, Pettigrew, Cyert e March; refuta o planejamento a longo prazo, considerando que os processos organizacionais e dos mercados não ocorrem de maneira sistemática a fim de prever o futuro; (d) abordagem sistêmica (1980-1990) – preconizada por Whitley e Granovetter, influenciada pela sociologia econômica, considera que os fatores culturais, sociais e políticos devem ser considerados na composição das estratégias de uma organização (WHITTINGTON, 2002).

2.2 Posicionamento dos Agentes nas Escolhas Teóricas e Metodológicas das Pesquisas em Estratégia

A área de estratégia é mundialmente nova, “no Brasil, novíssima” e tem se mostrado carente de contribuições teóricas, o que se manifesta na existência de poucos autores que tenham uma tradição de pesquisas na área de estratégia (BERTERO; VASCONCELOS;

BINDER 2003, p. 50; PEGINO, 2005; WALTER *et al*, 2010). Nas pesquisas em estratégia a expansão da área tem-se desenvolvido com caráter específico com pontos fortes que demonstra uma relação aberta e recíproca com as ciências sociais e humanas e pontos fracos, nas quais se destacam as preocupações e pontos cegos percebido na falta de reflexão crítica e estreiteza epistemológica, de base teórica e metodológica (PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002)

Um rico conjunto de teorias e estruturas vem sendo empregado nas pesquisas na área de estratégia que, em grande parte, são retiradas de outras disciplinas, a economia, a sociologia, a ciência política, a análise organizacional, finanças e marketing (BERTERO; VASCONCELOS; BINDER, 2003; BRUTON; LOHRKE; LU, 2004).

O estudo de Roczanski *et al*, (2010) revelou que a abordagem clássica é a mais utilizada nas pesquisas e que um terço dessas se relacionam com os temas “estratégia organizacional e de crescimento”, os demais se distribuíram de forma ampla, sem destaque para um ou para outro, na qual predomina a falta de alinhamento nos interesses de pesquisa, o que evidencia a fragmentação da área (GUEDES; WALTER; LOPES, 2014). As abordagens teóricas RBV e suas correlatas, Teorias dos Custos de Transação, Teoria da Agência e a Teoria Institucional foram identificadas como predominantes no estudo de Pinto *et al*, (2014) em cinco importantes periódicos internacionais de estratégia no período de 2008 a 2012.

Quanto às concepções metodológicas das pesquisas em estratégia, Padilha e Zanquetto Filho (2011), concluíram que pesquisas do tipo *survey* foram as mais comuns dentre os métodos utilizados e ainda que a vertente teórica sobre estratégia mais abordada nas publicações atuais é a processual.

Por outro lado o estudo de Roczanski *et al*, (2010) apontou que 56% dos trabalhos tiveram abordagem qualitativa, predominando a pesquisa documental como método de coleta de dados, confirmando a pesquisa de Bertero, Vasconcelos e Binder (2003). A análise qualitativa e de caráter empírico também predominou nos estudos de estratégia sob a perspectiva da Teoria de Custos e Transações entre 2001 e 2010, concentrados nas seguintes escolas USP, UFLA, UFMG e UNISUL (MARANHO; ABIB; FONSECA, 2013).

As pesquisas empíricas e positivistas ocupam boa parte das publicações em eventos como o Enanpad (PEGINO, 2005), e nelas predominam uma visão funcionalista, como forma de conceber a estratégia organizacional (MACEDO; BOAVA; ANTONIALLI, 2012; SCHNEIDER, 2013). Nesse sentido, esperando contribuir com novos modelos de pesquisa Macedo, Boava e Antonialli (2012) apresentam uma proposta de acesso ao fenômeno estratégico a partir da fenomenologia social com vistas à orientação interpretativa em que o sujeito e suas escolhas figuram como objeto de pesquisa. O estudo aponta uma estratégia de pesquisa que pode contribuir com a compreensão do estrategista, ambiente organizacional, significado da estratégia, processo de formulação e decisão estratégica, as relações sociais que permeiam a estratégia, a estratégia como escolha, projeto e pensamento estratégico, motivações da ação estratégica, metodologia de pesquisa subjetivo-objetivo acerca do fenômeno estratégico, sendo todos esses subsidiados pela fenomenologia social (MACEDO; BOAVA; ANTONIALLI, 2012).

O estudo de Guedes; Walter e Lopes (2014) revela que os procedimentos de pesquisa nas pesquisas qualitativas que mais se destacaram são a entrevista em profundidade e análise de conteúdo e nas quantitativas a utilização de grandes bancos de dados secundários, de métodos estatísticos diversificados e do auxílio de softwares para a análise de dados. Ainda para os mesmos autores, destacou-se a necessidade de desenvolver estudos mistos, qualitativo/quantitativo para o aprofundamento das pesquisas.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A estratégia da pesquisa adotada combinou aspectos da praxiologia proposta por Bourdieu com a técnica de estudo de caso coletivo, para uma análise em profundidade (STAKE, 1995), em que se investigou a prática científica nas pesquisas em estratégia nos programas *stricto sensu* em administração no Brasil.

Sem a pretensão de cristalizar o objeto de investigação num sistema classificatório, esta pesquisa manteve um permanente controle operacional das atividades de coleta de dados com a dupla função de limitar o campo de investigação e de possibilitar compreender seu funcionamento.

Nesse sentido, ao estudar o campo das pesquisas em estratégia tendo como base os conceitos de campo, *habitus* e capital preconizados por Bourdieu, foi possível desvelar a prática científica do campo científico das pesquisas em estratégia e conhecer as relações que explicam a lógica interna desse campo.

A unidade de observação da pesquisa são os docentes da disciplina de estratégia dos mestrados e doutorados acadêmicos em Administração no Brasil recomendados pela CAPES e que já tenham formado a primeira turma, considerando o interesse em pesquisar as práticas nas produções científicas dos agentes.

No processo circular desta pesquisa, o levantamento do problema de pesquisa à luz do referencial teórico já apresentado e a elaboração do roteiro utilizado na coleta inicial dos dados por meio de técnicas diversas possibilitaram a atualização das informações de fontes primárias. A mobilização de novas incursões no campo visou minimizar as fragilidades da pesquisa e captar como ocorre a pesquisa como prática, conforme proposto pela perspectiva construtivista de Bourdieu.

Esse movimento permitiu um alinhamento, não apenas do roteiro, mas, sobretudo, das questões de pesquisa. Esse processo de idas e vindas exigiu um trabalho de grande fôlego, pois a coleta inicial dos dados resultou em uma grande quantidade de informações, que, por outro lado, facilitou a qualificação dos dados aqui apresentados.

Na primeira fase da coleta de dados, realizaram-se duas buscas: uma no site da CAPES para identificar os programas acadêmicos *stricto sensu* em administração e outra nos sítios eletrônicos dos programas para mapear aqueles que ofertam a disciplina de estratégia. Foram encontrados 52 programas, 15 localizados na Região Sul, 2 na Região Norte, 10 na Região Nordeste, 2 na Centro-Oeste e 23 na Região Sudeste.

Após esse mapeamento entrou-se em contato, por telefone, com as assistentes dos programas para que indicassem os docentes que ministravam a disciplina de estratégia e seus *emails*, o que resultou num total de 62 docentes. Identificados nessa pesquisa como Interlocutores 1, 2, 3...62.

A coleta de dados vem ocorrendo desde o ano de 2012, pois trata-se de um projeto financiado pela CAPES. Com isso a coleta de dados resultou no seguinte movimento: no período de novembro de 2012, foram coletadas 2 entrevistas. Entre os meses de maio e agosto de 2013 coletaram-se 20 entrevistas. No período de setembro de 2015 a janeiro de 2016, foram obtidas mais cinco entrevistas, as quais foram gravadas e transcritas literalmente.

As 27 entrevistas coletadas durante o período supracitado, com duração média de 60 minutos se mostraram suficientes, visto que se constatou a não ocorrência de novos elementos para subsidiar a análise almejada, atingindo-se, portanto, com as percepções e as informações dos docentes, a saturação da pesquisa, conforme indicado por Paiva Junior, Leão e Mello (2011).

Para análise de fontes secundárias, foram coletadas informações disponíveis nos portais dos programas, da CAPES, do CNPQ e da ANPAD que serviram de subsídio para o processo de investigação. Destaca-se que as coletas desses dados ocorreram no período de outubro a novembro de 2015. A coleta na Plataforma *Lattes* dos 62 currículos dos docentes, foco desta pesquisa, possibilitou verificar a origem, filiação, a ocupação de cargos

administrativos, os prêmios recebidos da área, a participação como membro de comissões e comitês de avaliação, como também identificar os artigos completos publicados em periódicos, na área de estratégia, em que os docentes figuravam como primeiro autor, durante toda a sua trajetória acadêmica.

No Portal da CAPES foram obtidas as fichas de avaliação dos programas, que apresentam os resultados das avaliações trienais de cada programa de pós-graduação. Isso possibilitou que se conhecesse a nota atribuída ao programa, considerando que, nos sítios eletrônicos dos programas, nem sempre as notas estavam atualizadas.

A fonte de informação utilizada para coleta de dados sobre o Índice H dos docentes foi a base de dados ISI Web of Knowledge – Web of Science. A escolha por essa base de dados se deu pela praticidade, visto que essa base fornece isoladamente para cada pesquisador o Índice H e tem uma cobertura a mais de 9.200 títulos de periódicos.

Para conhecer a estrutura predominante (categorias temáticas, abordagem epistemológica e metodológica) dos artigos, selecionou-se os artigos completos publicados em periódicos, nos quais os agentes desta pesquisa figuravam como primeiro autor. A escolha pelos artigos de primeira autoria se justifica, de acordo com a preposição de Petroianu (2002), a principal condição para ser incluído entre os autores é ter tido participação intelectual na elaboração, análise ou redação do trabalho. Entretanto, a maior pontuação cabe a quem criou a ideia que originou o trabalho e estruturou o método de trabalho. Neste sentido, o primeiro autor deveria orientar a linha condutora do artigo (categoria temática, enquadramento metodológico e epistemológico da pesquisa), sendo este um dos objetos de análise da pesquisa.

Para a análise dos dados a estratégia adotada foi a de análise temática categorial, que segundo Bardin (2010, p. 153) consiste no “desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”.

Organizou-se a análise em três etapas, conforme preconizado por Bardin (2010): a) a pré-análise, que consistiu na escolha dos documentos, na delimitação dos objetivos, na organização sistemática dos documentos que envolveram a pesquisa, na transcrição das entrevistas e em uma leitura exaustiva dos textos supramencionados; b) a exploração dos materiais, em que, para a compreensão da unidade de registro, se estratificaram dos textos (dados brutos) as unidades de registro, ou seja, frases, palavras, parágrafos, tanto dos documentos selecionados como das entrevistas, a fim de instrumentalizar a análise; e c) a categorização realizada possibilitou a apreensão das categorias significativas para os resultados.

A escolha da análise de conteúdo se alinha à praxiologia de Bourdieu, o qual argumenta que as análises, por meio das quais a operação se efetua é um trabalho “de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções” (BOURDIEU, 2009, p. 82), ou seja, esse trabalho ultrapassa a mera descrição do conteúdo das informações coletadas em campo, atingindo, mediante a inferência com outras proposições já aceitas como verdadeiras, uma interpretação mais profunda (BARDIN, 2010).

Ainda para análise dos dados, optou-se pela reflexividade, a qual Bourdieu aponta como essencial. O autor apresenta uma preocupação quanto às condições de apreensão do conhecimento, ou seja, ao fato de que todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*, o que implica em uma distorção na percepção do empírico, não só pelo agente da pesquisa, mas também pelo *habitus* do pesquisador (THIRY-CHERQUES, 2006). Nesse sentido, reconhecendo essa limitação, buscou-se adotar uma postura crítica na construção da interpretação dos dados.

Igualmente se fez uso da triangulação dos dados – realizada entre as entrevistas, informações dos currículos lattes e produções dos agentes –, o que conferiu confiabilidade aos resultados da pesquisa (FLICK, 2009), pois minimizou as confusões, os enganos e equívocos

e permitiu maior controle dos dados obtidos (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2006).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nos dados coletados considerou-se as informações das dimensões objetivas e subjetivas do campo científico da estratégia. Na análise buscou-se relacionar os conceitos-chaves da abordagem de Bourdieu, como Campo, Capital e *Habitus*, para melhor compreender a dinâmica social que envolve as pesquisas em estratégia.

4.1 Características Incorporadas pelos Agentes que Orientam as Práticas – *Habitus*

Nesta sessão, resgatando o conceito de *habitus* de Bourdieu (1983), apresentam-se os princípios geradores das práticas e das representações que conformam e orientam as ações dos Interlocutores participante da pesquisa, produto das relações sociais e que tende a assegurar a reprodução das relações objetivas engendradas nesse espaço.

O *habitus*, presente no corpo e na mente, automatiza as escolhas e as ações (THIRY-CHERQUES, 2006). Nessa perspectiva as estratégias dos agentes que compõem o campo científico da estratégia se revelam por meio do sistema de transformação ou de conservação do campo e são expressas em suas escolhas. No relato do Interlocutor 8 evidencia-se o movimento da relação que circunda essas escolhas do campo das pesquisas em estratégia ao afirmar que ao tentar se tornar uma área cientificamente legítima, mimetiza as áreas mais tradicionais da ciência, o que resulta na preferência de utilização de modelos matemáticos rebuscados nas pesquisas, fato que se reflete na dificuldade da aceitação de publicações de trabalhos qualitativos. Esse Interlocutor justifica ainda que isso pode estar relacionado ao modelo anglo-saxão de quem faz a reflexão teórica.

A fala do Interlocutor 8 reflete a análise de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999) que entendem que ao mimetizar as áreas tradicionais das ciências da natureza, que estão expostas as atividades das ciências sociais, corre-se o risco de querer eternizar, em uma natureza, o produto de uma história, independente das condições históricas e sociais que o constituem em sua especificidade para determinada sociedade e em determinado momento do tempo. Essa tendência de monopolizar a explicação na expectativa de encontrar uma característica universal, particularidade do positivismo, tem a pretensão de deter a hegemonia e ninguém está imunizado contra essa sedução (BOURDIEU, 2004), isso faz com que os agentes das pesquisas em estratégia ao fazerem suas escolhas do objeto científico se orientem por essas verdades cientificamente aceitas, que estão mais relacionadas às lutas pelo poder científico do que às inovações científicas.

O funcionamento do campo científico que, por sua vez, produz e supõe uma forma específica de interesses, contaminado pelo conhecimento da posição ocupada nas hierarquias instituídas daquele campo, (BOURDIEU, 2004). O Interlocutor 1 aponta o grupo que define o foco das pesquisas em estratégia - “hoje a Estratégia é predominantemente dominada pelo pessoal positivista, com viés de Economia gerencialista” - que se confirma na seguinte fala do Interlocutor 16: “a hegemonia da pesquisa funcionalista que está associada à estratégia [...] a área de estratégia reproduz aquilo que a administração como um grande campo tem de digamos assim, eu vou chamar de mal de origem?”.

No campo científico, os concorrentes não podem se contentar em se distinguir simplesmente de seus predecessores já reconhecidos, “são obrigados, sob pena de se tornarem ultrapassados e desqualificados, a integrar suas aquisições na construção distinta e distintiva que os supera” (BOURDIEU, 1983, p. 127). O Interlocutor 14 traduz essa prática quando revela que os professores da área de estratégia têm forte formação na área de exatas e complementa “o nosso curso de administração tem uma base muito forte dos ensinamentos

dos americanos e eles são extremamente positivistas [...] então, a maioria das revistas, dos editores, de quem avalia segue uma linha mais positivista quantitativa”.

Portanto, a escolha do objeto científico é feita a partir da capacidade de se colocar em jogo as verdades cientificamente aceitas que estão mais relacionadas às lutas pelo poder do campo científico do que às inovações científicas (SCARTEZINI, 2011) como ficou evidenciado nessa pesquisa, nas escolhas feitas pelos agentes da pesquisa no campo científico da estratégia ao optarem pelas pesquisas quantitativas.

Essa definição de ciência que supõe a boa maneira de fazer ciência, a qualificação ou desqualificação do trabalho científico, implica a utilização de análises estatísticas dos dados e formalização dos resultados, instaurando como medida de toda boa prática científica o padrão mais favorável às capacidades intelectuais dos agentes, ou seja, aquilo que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros, portanto, aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros (BOURDIEU, 1983).

De acordo com o Interlocutor 17 é a comunidade científica, representada pelos dominantes, que define os padrões dos trabalhos que são aceitos e os que devem ser rejeitados. É possível perceber, por meio da fala desse Interlocutor, o controle das normas do campo científico de estratégia em que o agente se empenha em fazer valer suas razões, seus argumentos, suas demonstrações e refutações acerca dos métodos, dos instrumentos e das técnicas empregados nas pesquisas. Esse poder sobre as instâncias de reprodução do campo científico assegura a quem o detém uma autoridade estatutária que está muito mais ligada à posição hierárquica que a propriedade intelectual do agente (BOURDIEU, 1983).

Há também outro dado que se considera relevante – o sistema de avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* da CAPES -, que resulta na adoção de uma conduta considerada pelos Interlocutores como sendo uma regra de sobrevivência do pesquisador. Nesse sentido, o Interlocutor 1 faz um desabafo “os programas às vezes não são tão atrativos em função da exigência da CAPES [...] quem não fizer 150 pontos vai ser descredenciado, um problema político infernal”.

Esse “problema” apontado pelo Interlocutor 1 reflete o que o Interlocutor 2 aponta - “sem dúvida que a CAPES pressiona muito a questão da produtividade, não vou discutir se é bom ou ruim, mas há uma influência absurda com relação a produtividade” - o que pode comprometer a produção científica do campo.

Os mecanismos adotados pela CAPES, vistos como “mecanismos de preservação” pelo Interlocutor 17, explica, por vezes, a falta de continuidade nas pesquisas, como já apontado, e também pode ser resultado da diversidade de temas que o pesquisador desenvolve a fim de garantir a pontuação exigida.

Assim, as condições estabelecidas pelos agentes do campo, sejam eles indivíduos ou instituições científicas, direcionam as escolhas das práticas científicas, os lugares de publicação, os temas escolhidos e os objetos de interesse. Essa pressão é tão forte que permite produzir um estado de possibilidades e de exigências objetivas, as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras e sejam impostas àqueles que, por terem o sentido do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004).

4.2 As Posições dos Agentes nos Espaços Acadêmicos

Para compreensão do processo de acumulação do capital científico objetivado nas posições ocupadas nas estruturas científicas, divididos em capital científico puro e capital científico insitucional, se consideraram, além dos cargos administrativos nas próprias instituições de ensino superior que ofertam os programas de mestrado e doutorado, por suas influências no campo, as posições em comitês editoriais, em órgãos de fomento, como o CNPQ, em associações científicas e acadêmicas, como a ANPAD e a CAPES que tem papel

fundamental na expansão, na consolidação e no desenvolvimento da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil.

O conjunto dessas características define os agentes, seu tipo de formação, as instituições de que faz parte, suas afiliações de interesse e sua participação em grupos de pressão intelectual, tais como as revistas científicas de prestígio, e contribuem para determinar suas possibilidades de vir a ocupar esta ou aquela posição (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999).

Nesse movimento e concordando com aquilo que é valorizado pelo campo, dos 62 Interlocutores participantes da pesquisa, 4 acumulam o título de Pós-Doutor e Livre-Docente e estão vinculados às seguintes Instituições: PUCSP (Interlocutor 29), USCS (Interlocutor 60) e USP (Interlocutor 61). O Interlocutor 62 da USP possui o título de Livre-Docência. Os que possuem o título de Pós-Doutor somam 17 e estão distribuídos nas seguintes Instituições: UFPE (Interlocutor 1), UFBA (Interlocutor 5), UEM (Interlocutor 8), PUCRS (Interlocutor 15), UNINOVE (Interlocutor 25), PUCSP (Interlocutores 26 e 28), FEI (Interlocutor 31), FGVSP (Interlocutores 34 e 35), FNH (Interlocutor 36), FUFSE (Interlocutor 39), IMED (Interlocutor 41), UFC (Interlocutor 43), UFMS (Interlocutor 46), UMESS (Interlocutor 51) e UPM (Interlocutor 59). A região Sudeste concentra 13 Interlocutores com a formação acadêmica de Pós-Doutorado e Livre-Docência.

Os títulos acadêmicos que são como “garantias de qualidade”, por si mesmos hierarquizados, podem ser convertidos em capitais valorizados pelos pares-concorrentes (BOURDIEU, 1996), favorecendo a acumulação de um forte crédito científico, a exemplo das publicações em revistas prestigiosas (BOURDIEU, 2004). Dos 62 Interlocutores, 43 apresentaram artigos completos publicados em periódicos, na área de estratégia, em que figuravam como primeiro autor, durante toda a sua trajetória acadêmica. Os que tiveram suas produções em periódicos com estrato Qualis A1 foram os Interlocutores 5, 9, 18, 33 e 34. As publicações em periódico com estrato Qualis A2 somaram 22 Interlocutores (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 32, 34, 35, 41, 45, 47, 55, 58 e 61). Os demais estão distribuídos nos estratos Qualis B1 (Interlocutor 10), Qualis B2 (Interlocutor 17), Qualis B3 (Interlocutor 15), Qualis B4 (Interlocutor 7), Qualis B5 (Interlocutor 6) e Qualis C (Interlocutor 1). Destaca-se que alguns Interlocutores tiveram publicações em vários estratos.

As diferentes posições no campo, em função do reconhecimento dos pares, classificados no capital científico puro, podem ser vistas nos índices de consagração daqueles que obtiveram uma classificação na base de dados *Web of Science* representado pelo Índice H dos Interlocutores. Os Interlocutores 8 da UEM e 9 da UNISINOS detêm o maior índice H (Índice 5) entre os pesquisadores da área, seguidos do Interlocutor 32 da FGV RJ, com Índice 4. Os Interlocutores 5 da UFBA, 25 da UNINOVE, 34 da FGVSP e 57 da UNIVALI apresentam Índice H 3. Os demais apresentaram Índices entre 2 e 1. A região Sudeste concentra os Interlocutores com os maiores Índices H.

A análise revela ainda que os detentores dos maiores índices são justamente os que recebem bolsa produtividade em pesquisa, à exemplo do Interlocutor 8 com Índice 5, do Interlocutor 32, com Índice 4, e do Interlocutores 5, 34, 35 e 57, todos com Índice 3. Vale destacar que a Região Sudeste recebeu 53% das bolsas em produtividade em pesquisa na área de administração no ano de 2015, esse percentual não se diferencia de anos anteriores, que demonstra a predominância no recebimento de recursos da Região.

A estrutura do campo se define, a cada momento, pelas relações de força e designa a cada agente suas estratégias segundo a posição que ele ocupa na estrutura do campo e também segundo as variáveis secundárias tais como a trajetória na academia que comanda a avaliação das oportunidades (ORTIZ, 1983) e que se encarrega da consagração aos que realizam o ideal da excelência científica concedendo prêmios de reconhecimento pelos feitos.

Quanto a prêmios, alguns Interlocutores acumulam números significativos deles, como os Interlocutores 61, da USP e 25, da UNINOVE, cada um com 8 prêmios, e os Interlocutores 18, da PUCRJ, 33, da FGVRJ e 34, da FGVSP são detentores de 7 prêmios.

Alguns desses prêmios são relevantes para área de administração, tais como os da ANPAD recebidos pelos Interlocutores 1, da UFPE; 5, da UFBA; 7, da FUCAPE; 8, da UEM, 9 e 30, da UNISINOS; 13, da USP; 18, da PUCRJ; 22, da UFRJ; 32, da FGVRJ; 34 e 35, da FGVSP; 42, da UECE; 45, da UFLA; 47, da UFRGS; 49, da UFU; 57, da UNIVALI; e 58, da UP.

Receberam Prêmios Internacionais os Interlocutores 5, da UFBA; 8, da UEM; 9, da UNISINOS; 14, da UNIGRANRIO; 19, da PUCRJ; 22, da UFRJ; 23, da UNIFACS; 25, da UNINOVE; 30, da UNISINOS; 32, da FEI; 33, da FGVRJ; 34 e 35, da FGVSP; 36, da FNH; 47, da UFRGS; e 57, da UNIVALI.

A dinâmica do campo científico percebida no reconhecimento marcado e garantido socialmente por um conjunto de sinais específicos de consagração, atribuída pelos pares-concorrentes, concede a cada um de seus membros um valor distintivo de seus produtos, a exemplo dos prêmios que parecem ser objeto de desejo dos agentes do campo (BOURDIEU, 1983).

Esse processo de articulação das estratégias em busca de um capital científico continua com o acesso aos cargos administrativos e está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas.

Foi possível perceber que as posições ocupadas pelos interlocutores se destacam no Cargo de Coordenador de Programas de Mestrado e Doutorado, concentrando 22 Interlocutores. Isso representa, aproximadamente, 35% dos agentes da pesquisa que ocupam ou ocuparam esse cargo. Também é expressivo o quantitativo dos Interlocutores no cargo de Coordenador de Curso, somando 16 agentes. Na carreira institucional, ainda figuram como ocupantes dos cargos administrativos 5 Interlocutores como Diretores de Centro, 3, com o cargo de Pró-Reitor e 5, com cargos de Direção de Universidade.

Para a composição do capital institucional, também se relacionou a participação como membro de corpo editorial, uma vez que essa participação se constitui como reconhecimento à capacidade técnica e científica do agente para qualificar e avaliar os trabalhos submetidos, sendo o parecer desse o maior parâmetro para a seleção do que deve ser publicado (MARCHIORI, 2001). Os dados revelam que apenas o Interlocutor 22, da UFRJ, faz parte do corpo editorial de um periódico classificado pelo sistema Qualis com estrato A1, sendo essa uma Revista Internacional. Os Interlocutores 5, da UFBA; 18, da PUCRJ; 19, da PUCRJ; 23, da UNIFACS; 25, da UNINOVE; 30, da UNISINOS; 32, da FGVRJ; 34 e 35, da FGVSP; 47, da UFRGS; 59, da UPM; e 13 e 61, da USP, compõem o corpo editorial de periódico com estrato A2. Dos 14 Interlocutores, 10 estão concentrados na região Sudeste, sendo 6 no Estado de São Paulo e 4 no Rio de Janeiro.

Ainda em relação ao capital científico, optou-se, com base em Teixeira et al, (2012), por dividir os Interlocutores em grupos para que se conhecesse o volume de capital científico acumulado daqueles situados nos extremos e dos medianos. Construídos os intervalos, se procedeu à seguinte classificação dos Interlocutores: Grupo A, os detentores de maior volume de capital científico; Grupo B, os medianos; e Grupo C, os que acumulam menor volume.

Os resultados demonstram que o Grupo A representa 26% dos Interlocutores e que esses detêm 61% do capital científico acumulado do campo. O Grupo B representa 10 % e detêm 19% do capital enquanto que o grupo C representa 65% e acumula 20% de capital científico. Esse resultado corrobora a percepção de Bourdieu (1983) sobre a distribuição do capital científico no campo. O autor alega que as comunicações no campo se dão enquanto interações socialmente estruturadas numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes. É possível que os Interlocutores que ocupam seus lugares no Grupo A,

posições hierarquicamente reconhecidas, demonstradas no volume de capital científico acumulado, possuam individualmente maior celebridade e prestígio, mas também sejam detentores do poder de impor a outros componentes do campo a definição da ciência que melhor se adéque aos interesses específicos e que lhes permita ocupar, com toda legitimidade, a posição dominante (BOURDIEU, 1983).

Essa divisão do campo - de um lado, os dominantes e, de outro, os dominados, implica uma distinção entre ortodoxia – que corresponde às práticas para conservar intacto o capital acumulado - e heterodoxia – com a tendência de desacreditar os detentores reais de um capital legítimo (BOURDIEU, 1983). A estratégia se orienta em função da posição que os agentes detêm no interior do campo. Nessa conjuntura, levanta-se a possibilidade de que os Interlocutores advindos das Grandes Escolas (aqui consideradas aquelas com nota 7, que possuem um título escolar credenciado), tais como os Interlocutores 34 e 35, da FGVSP, e 13, 61 e 62, da USP, tenham maior potencialidade para realizar suas aspirações do que outros que se originam de escolas de menor prestígio, tais como alguns dos Interlocutores enquadrados no Grupo C.

O campo científico da estratégia, assim como outros campos, é objeto de luta, tanto em sua representação quanto em sua realidade, e os agentes não são partículas passivamente conduzidas pelas forças do campo, sendo que possuem disposições adquiridas, podendo, caso lhes seja conveniente, opor-se às forças do campo.

4.3 Estrutura de Dominação nas Pesquisas em Estratégia

Depois de analisar os *habitus* e o capital científico acumulado pelos agentes do campo científico da estratégia participantes desta pesquisa, apresentam-se dados específicos sobre a produção científica dos Interlocutores sob a forma de artigos completos publicados em periódicos, nos quais figuravam como primeiro autor.

O levantamento da produção científica dos Interlocutores apontou o total de 142 artigos. A análise evidenciou uma distribuição desigual do capital científico, tal qual como a do Interlocutor 25 que ocupa isoladamente o primeiro lugar em quantidade de artigos publicados, com 10 produções, seguido do Interlocutor 3, com 8. Os Interlocutores 25, 26, 34, 41, 5 e 8, tidos como os que mais publicaram, ocupam o Grupo A no quadro de acumulação do capital científico do campo. Essa concentração permite aos dominantes temporais apresentarem estratégias destinadas a reproduzir sua posição como estratégia visando fazer avançar a ciência, fato que pode ser comprovado no ranqueamento do Índice H, no qual figuram os Interlocutores supracitados.

Com relação às categorias temáticas dos artigos, identificaram-se 35 temas, o que demonstra a amplitude do campo que se apresenta com uma diversidade de teorias, abordagens e métodos, na qual predomina a fragmentação da área (SIEGLER; BIAZZIN; FERNANDES, 2014). Segundo Siegler, Biazzin e Fernandes (2014), essa fragmentação pode estar relacionada às diferentes visões epistemológicas e preferências metodológicas, o que provoca um distanciamento entre autores, confirmada pelo Interlocutor 12 que observa que “a área está um pouco difusa [...] a gente acaba não tendo um corpo único, mas um corpo diversificado e fragmentado no campo da estratégia”.

Constatou-se, na análise dos artigos, a predominância da literatura estrangeira utilizada como referencial teórico. O Interlocutor 4 assim justifica essa prática: “normalmente os textos nacionais são muito ruins. Então eu prefiro pegar aqueles autores que são os que são citados de fato na literatura internacional [...] eu te confesso que não dou muita bola pra academia brasileira”.

Outro ponto observado nos artigos foi o enquadramento metodológico das pesquisas. Dos 142 artigos analisados, 72 são quantitativos, 43 qualitativos, 24 se apresentam como discussão teórica e 8 são estudos quali-quantitativos. Como já apontado nos discursos dos

Interlocutores e na fundamentação teórica, as pesquisas na área de estratégia são predominantemente quantitativas.

Quanto às abordagens epistemológicas revisadas, 55% dos artigos buscam construir relações objetivas em que o agente social aparece como mero executante de algo que se encontra objetivamente programado e que lhe é exterior. Os artigos com a perspectiva fenomenológica representam 31% e estudam a ação subjetiva do agente e seu significado. Escassos trabalhos – 14% - optaram por uma perspectiva praxiológica.

Bourdieu (1983) considera a discussão sobre métodos epistemológicos polêmica, bem como que transcende o campo de uma teoria particular e ocupa o centro dos debates científicos. Ao propor a apreensão do conhecimento na perspectiva praxiológica, o autor não pretende simplesmente rejeitar o conhecimento objetivista, mas conseguir, uma vez explicitados seus limites, ultrapassá-lo: defende que, à medida que o conhecimento objetivista se afasta da construção da teoria do conhecimento prático do mundo social a praxiologia retoma a ação como núcleo da significação do mundo e reintroduz o agente negligenciado pelo objetivismo (ORTIZ, 1983, p. 12).

Muitos acontecimentos importantes estão ocorrendo no campo científico da estratégia e as pesquisas não chegam a pontuá-los, como menciona o Interlocutor 23: “É necessário ousar, buscar novas estratégias de pesquisas que conduzam o pesquisador à fazer novas descobertas”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou compreender a prática científica nas pesquisas em estratégia nos programas acadêmicos *strico sensu* em administração no Brasil, que combinou elementos da praxiologia proposta por Bourdieu com a técnica de estudo de caso coletivo. A análise possibilitou compreender as relações que definem o espaço do campo científico das pesquisas em estratégia, demonstrando a ação encadeada dos agentes que o compõem, conhecer os interesses envolvidos nas escolhas de produção, reprodução e utilização das abordagens da área de estratégia.

Para compreender o contexto do campo científico da estratégia mapeou-se por região a distribuição dos programas, sendo perceptível a proeminência da Região Sudeste que concentra 44% dos programas de pós-graduação em administração que ofertam a disciplina de estratégia, seguida da Região Sul com 30% e Nordeste com 18%. As Regiões Norte e Centro-Oeste, por sua vez, aparecem com 4% em cada uma delas. Essa distribuição demonstra a força da Região Sudeste por meio dos seus agentes inseridos em instituições e que atuam como porta-vozes dos padrões da área.

Esse espaço social é formado por relações de força entre os agentes que acumulam capital científico e que circulam nas instituições científicas como a CAPES, o CNPQ, as Revistas Científicas e a ANPAD. O capital científico e a posição nessas relações de força que são também de prestígio, definem aqueles que têm o direito de falar e agir legitimamente e permite produzir um estado de possibilidades e de exigências objetivas. As coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras são impostas àqueles que, por terem o sentido do jogo, preparam-se para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004).

Ao analisar o processo de acumulação do capital científico foi possível perceber que o Grupo A representa 26% dos Interlocutores e que estes detêm 61% do capital científico acumulado do campo. Tal resultado corrobora a percepção de Bourdieu (1983) sobre a distribuição do capital científico no campo, ou seja, que as comunicações no campo se dão enquanto interações socialmente estruturadas numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes.

A estrutura de dominação nas pesquisas em estratégia revelou as regras do jogo – *habitus* – incorporadas pelos agentes em suas escolhas científicas. Entre as abordagens epistemológicas revisadas, identificou-se a predominância de artigos que buscam construir relações objetivas em que o agente social aparece como mero executante de algo que se encontra objetivamente programado e que lhe é exterior e um direcionamento natural pelas pesquisas quantitativas.

Foi possível compreender o que envolve a prática científica dos agentes nas pesquisas em estratégia: relações de poder sobre as instâncias de reprodução, de acumulação de capital científico, de reconhecimento e legitimação. Igualmente se compreendeu que a prática desses agentes repousa sobre o reconhecimento de uma competência que, para além dos efeitos que ela produz, proporciona autoridade e contribui para definir não somente as regras do jogo, mas também suas regularidades, as leis que fazem que seja ou não importante escrever sobre tal tema, onde é mais compensador publicar, nesse ou naquele periódico (BOURDIEU, 2004).

Por fim, para entender a prática científica nas pesquisas em estratégia foi preciso compreender o funcionamento do campo científico da estratégia que se revelou, tanto na percepção dos interlocutores, quanto nas estruturas objetivadas, como um campo fragmentado, que pode estar relacionado a falta de grupos de pesquisas consolidados, a falta de cooperação acadêmica na realização de pesquisas longitudinais com maior profundidade; isso está alinhado, sobretudo, aos modelos estrangeiros, que inviabiliza, por vezes, o desenvolvimento de modelos contextualizado ao cenário brasileiro; há ainda um produtivismo compelido pelas exigências da CAPES, que induz a pesquisas mais rasas. Nas pesquisas em estratégia a riqueza está em entender como as coisas acontecem, em qual contexto, como os agentes agem e interagem na formação da estratégia. Pensar os modelos estratégicos, não apenas testá-los.

Para superar essas forças conservadoras será preciso abandonar as teorias que tornam explícita ou implicitamente a prática como uma reação mecânica, explorar novos caminhos e lançar pontes entre os domínios de conhecimento, ultrapassar as fronteiras institucionais estabelecidas e criar condições para inovar com saberes e olhares científicos diversificados.

Com isso, do ponto de vista prático, o estudo contribuiu e estimulou discussões sobre o campo científico da estratégia na compreensão das relações que definem esse espaço, que evidenciam os *habitus* dos agentes. Igualmente ofereceu elementos para o aprofundamento nas pesquisas em estratégia, visto que apresentou os interesses envolvidos nas escolhas de produção, reprodução e utilização das abordagens e a importância e implicação desse processo no avanço científico.

Sugere-se que outras pesquisas sejam feitas utilizando-se a perspectiva praxiológica no campo científico da estratégia a fim de aprofundar o estudo, principalmente no que diz respeito ao papel não só das instituições científicas, mas também, e não menos relevante do papel da sociedade e sua influência no desenvolvimento das pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BERTERO, C. O.; VASCONCELOS, F. C. de; BINDER, M. P. Estratégia empresarial: a produção científica brasileira entre 1991 e 2002. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 4, p. 48-62, 2003.
- BIGNETTI, L. P.; PAIVA, E. L. Ora (direis) ouvir estrelas!: estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 105-125, 2002.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 1996. 231 p.

_____. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: editora UNESP, 2004.

_____. **O poder simbólico**; tradução: Fernando Tomaz. 12ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRUTON, G. B.; LOHRKE, F. T.; LU, J. W. The evolving definition of what comprises international strategic management research. **Journal of International Management**, 2004.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURRER, O.; THOMAS, H.; GOUSSEVSKAIA, A. The structure and evolution of the strategic management field: A content analysis of 26 years of strategic management research. **International Journal of Management Reviews**, v. 10, n. 1, p. 1-23, 2008.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Org.). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, A. S. Estudo de Caso Qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DEMELLO, R.; SILVA, A. B. (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOMEZ, M. L. A bourdieusian perspective on strategizing. In: GOLSORKHI, D; ROULEAU, L; SEIDL, D; VAARA, E. (eds.) **The Cambridge Handbook on Strategy as Practice**. Cambridge University Press: Cambridge, pp.63-78, 2010.

GUEDES, E. V.; WALTER, S. A.; LOPES, M. C. A pesquisa em estratégia nos programas stricto sensu em administração no Brasil. In: Encontro da ANPAD, 38. Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro, 2014.

GUIMARÃES, L. V. S.; DINIZ, E. Gestão de periódicos científicos: estudo de casos em revistas da área de Administração. *Revista de Administração*, v. 49, n. 3, p. 449-461, 2014.

HOSKISSON, R. E.; HITT, M. A.; WAN, William P.; YIU, Daphne. Theory and research in strategic management: swings of a pendulum. **Journal of Management**, v. 25, n. 3, p. 417-456, 1999.

LIMA, R. A.; VELHO, L. M. L. S.; LOPES DE FARIA, L. I. Bibliometria e “avaliação” da atividade científica: um estudo sobre o índice h. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.17, n.3, p.3-17, jul./set. 2012.

MACEDO, F. M. F.; BOAVA, D. L. T.; ANTONIALLI, L. M. A fenomenologia social na pesquisa em estratégia. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 5, p. 171-203, 2012.

MARANHO, F. S.; ABIB, G; FONSECA, W. As pesquisas em estratégia no Brasil sob a perspectiva da teoria dos custos de transação. In: Encontro de Estudos em Estratégia. Bento Gonçalves, 6, 2013, Bento Gonçalves. **Anais...**Bento Gonçalves/RJ., 2013.

MARCHIORI, Edson. O papel do Corpo Editorial. **Radiol Bras**, São Paulo , v. 34, n. 4, p. v, Aug. 2001 .

MARQUES, F. **Os limites do índice-h: supervalorização do indicador que combina quantidade e qualidade da produção científica gera controvérsias**. 207 ed., maio 2013. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/05/14/os-limites-do-indice-h/>. Acesso em: 12 jan. 2016.

ORTIZ, R. A procura de uma sociologia da prática. In: _____(Org.) **Pierre Bourdieu: sociologia**. SP: Ática, 1983.

PADILHA, J. R.; ZANQUETO FILHO, H. Estratégia organizacional: uma análise da produção acadêmica nos principais periódicos internacionais. In: Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 7. 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

PAIVA JUNIOR, Fernando G. de; LEÃO, André L. M. de S.; MELLO, Sérgio C. B. de. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, set./dez., 2011.

PEGINO, P. M. F. As bases filosóficas das publicações na área de estratégia das organizações nos encontros nacionais da ANPAD. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO, XXIX. Brasília, DF. **Anais...** Rio de Janeiro, ANPAD, 2005.

PETTIGREW, A.; THOMAS, H.; WHITTINGTON, R. Strategic management: the strengths and limitations of a field. In: _____ (Ed.). **Handbook of strategy and management**. London: Sage, 2002.

PETROIANU, A. A autoria de um trabalho científico. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v. 48, n. 1: p. 60-65 2002.

PINTO, R. F.; SERRA, B. P. C.; MAGALHÃES, M. R. A.; COSTA, B. K. A pesquisa em administração estratégia: um estudo bibliométrico em periódicos internacionais de estratégia no período de 2008 a 2012. In: Seminário em Administração, 17. 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SEMEAD, 2014.

ROCZANSKI, C. R. M.; TOSTA, K. C. B. T.; ALMEIDA, M. I. R. de; PEREIRA, Maurício F. O Estado da arte em estratégia na Revista de Administração Contemporânea: um estudo bibliométrico. **Revista Economia & Gestão**, v. 10, n. 24, p. 28-47, 2010.

SCARTEZINI, N. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo**, v. 1, n. 14, p. 25-36, 2011.

SCHNEIDER, L. C. Pensamento estratégico organizacional: origens, evolução e principais influências. In: Encontro de Estudos em Estratégia, VI, 2013, Bento Gonçalves. **Anais...**Bento Gonçalves/RS., ANPAD, 2013.

SETTON, M. G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, mai./jun./ago. 2002

SIEGLER, J.; BIAZZIN, C.; FERNANDES, A. R. Fragmentação do conhecimento científico em administração: uma análise crítica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 4, n. 3, maio-jun, p. 254-267, 2014.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. London: Sage Publications, 1995.

TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, P. G.; TAVARES, N. V.; CARRIERI, A. P.; CAPPELLE, M. C. A. Dinâmica de distribuição de fontes de capitais científicos entre docentes / pesquisadores de um programa de pós-graduação *stricto-sensu* de uma universidade pública. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v.17, n.1, p. 179-206, mar.2012.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.

WALTER, S. A.; LANZA, B. B. B.; SATO, K. H.; SILVA, E. D. da; BACH, T. M. Análise da produção científica de 1997 a 2009 na área de estratégia: produção e continuidade de atores e cooperação entre instituições brasileiras e estrangeiras. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO , 34., 2010, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

WHITTINGTON, R. **What is strategy – and does it matter?** London : Tomson Learning, 2002.